

Paula Bessa

Departamento de História, Universidade do Minho

Pintura mural na Igreja de Nossa Senhora de Guadalupe

Resumo

Neste artigo faz-se um breve comentário à arquitectura da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, Ponte, Mouços, Vila Real. Comenta-se também a pintura mural da sua capela-mor, tentando identificar o seu encomendador e possíveis fontes iconográficas que poderão ter influenciado a figuração da Árvore de Jessé na parede fundeiral da capela-mor.

Abstract

This article analyses the architecture and the wall-paintings of the church of Nossa Senhora de Guadalupe, Ponte, Mouços, Vila Real, trying to identify both the patron and the iconographic sources which could have influenced the depiction of the Tree of Jesse.

A análise da arquitectura da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe (Ponte/Mouços/Vila Real) indicia estarmos em presença de um edifício quase totalmente construído pelos inícios do século XVI¹.

Na verdade, e apesar da estruturação dos seus espaços (uma nave e uma capela-mor rectangulares), todo o desenho das aberturas da nave, tanto dos portais como da fenestração, assim como o dos seus nichos interiores, segue modalidades de gosto características da arquitectura *manuelina*. Os portais – o ocidental, de arco quebrado, e os laterais, norte e sul, de arcos de volta inteira – são enriquecidos decorativamente com modinatura de toro cilíndrico que os acompanha totalmente, não havendo sequer interrupção desta modinatura por evo-

Nota: Agradeço à Prof. Doutora Lúcia Cardoso Rosas (FLUP) valiosas indicações e sugestões – nas quais, de resto, assenta largamente este artigo –, assim como a sua primeira leitura.

¹ Vergílio Correia considerou este edifício como sendo da segunda metade do séc. XV. Cf. CORREIA, Vergílio, 1924 (2ª ed.) – *Monumentos e Esculturas (séculos III-XVI)*, Lisboa, Livraria Ferin, Editora, p. 163-168.

cações de bases nem de capitéis, ainda que já sem função estrutural. A fenestração recorre à utilização de frestas de recorte rectangular², cujo desenho e volume é salientado exteriormente pelo mesmo tipo de modenatura de toro cilíndrico também usado nos portais. Os nichos no interior da nave têm recorte superior em arco conopial abatido. A própria cachorrada da nave da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe, com cachorros *quadrados e de caras* que ocupam todo o campo escultórico, indicia também uma construção desta época, tendo paralelo, por exemplo, na capela funerária anexa a Santa Maria dos Anjos (Valença), datada do primeiro quartel do século XVI. Até a caligrafia de algumas das siglas presentes nos panos murários da nave da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe sugere esta mesma cronologia. Em suma, todos estes elementos indicam grande consistência de concepção na nave, de acordo com aspectos característicos de um paradigma de gosto – e de construção – a que costumamos chamar *manuelino*.

A capela-mor, no entanto, conserva alguns aspectos que sugerem uma cronologia anterior: o próprio aparelho menos consistente nas regras de corte da pedra dos silhares do que o evidenciado na nave e a existência de uma fiada de cachorros do lado norte, alguns dos quais parecem de tipologia e temática anterior aos da nave. No entanto, a cachorrada da capela-mor do lado Sul já não existe e na sua parede exterior nascente, num local onde, numa construção anterior, esperaríamos encontrar fenestração, existe pedra de armas representando o mesmo brasão que ocorre na pintura do altar-mor, numa campanha de pintura mural datada de 1529. Interiormente, exactamente no ângulo entre as paredes norte e nascente da capela-mor, aparentemente um dos ângulos mais antigos conservados da construção, esta assenta e integra interiormente um maciço rochoso, o que, colocando dificuldades de pavimentação e obrigando a um considerável alteamento do piso da capela-mor sob o altar-mor em relação à nave, determinou, mesmo, a necessidade de criar vários degraus para aceder a esse mesmo altar. Esta opção de conservar estas paredes num edifício que, possivelmente, se quis reformar e ampliar deve prender-se com a intenção de não modificar a implantação de um local sagrado pela existência de um templo anterior. Esta igreja parece, assim, reaproveitar aspectos de construção anterior mas introduzindo alterações e construindo-se uma nova nave.

Estas hipóteses que formulámos a propósito do gosto e cronologia deste edifício quando o observámos e reflectimos sobre a sua arquitectura vieram de algum modo a ser confirmadas pelas referências que a ele são feitas nas *Memórias de*

² AFONSO, Luís, 1999 – *As Pinturas Murais da Igreja do Convento de S. Francisco de Leiria*. Dissertação de Mestrado em História da Arte sob orientação do Prof. Doutor José Custódio Vieira da Silva (policopiada), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, Lisboa, vol.I, p. 77, e SILVA, José Custódio Veira da, 1995 – *Paços Medievais Portugueses*, IPPAR, Lisboa, p. 212 e 244.

Vila Real da Academia Real de História³ e no *Diccionario Geografico*⁴ e têm, também, talvez, apoio no relato de um milagre de Nossa Senhora de Guadalupe feito por João de Barros na sua *Suma de Geografia da Comarca dentre Douro e Minho e tras-os-montes*⁵.

Segundo as *Memórias de Vila Real* esta igreja de Nossa Senhora de Guadalupe ter-se-ia ficado a dever a D. Pedro de Castro, abade de S. Salvador de Mouços e protonotário apostólico, a quem, aliás, são atribuídas muitas outras obras de vária índole em Vila Real e seu termo e também a instituição de várias capelas. No Arquivo Distrital de Vila Real⁶ encontrámos, de facto, vária documentação relativa aos rendimentos de capelas instituídas por D. Pedro de Castro na Misericórdia e em S. Sebastião. Por outro lado, tivemos ainda a fortuna de encontrar a confirmação de D. Pedro de Castro como abade de S. Salvador de Mouços:

“Aos xbj dias do dito mês de janyeyro da dita era [1505] o dito Senhor [D. Diogo de Sousa] confirmou em abade e Reitor da parrochial igreja de sam saluador de moucoos termo de villa ryal deste arcebisado a pº de castro preegador e capellam do senhor marquez de villa Riall o qual senhor Marquez apresentou na vaga por morte de goncallo lobo (...)”⁷.

O milagre de Nossa Senhora de Guadalupe contado por João de Barros teria

³ SOUSA, Fernando de, e GONÇALVES, Silva (eds.), 1987 – *Memórias de Vila Real*, Vila Real, Arquivo Distrital de Vila Real, vol. 2, p. 478 (sublinhados meus): “No lugar de Ponte, desta freguesia do Salvador de Moussós, há huma capella da invocação de Nossa Senhora de Guadalupe, que he hum templo grande, magnificamente obrado de pedra de cantaria á romana, forrada primorozamente de madeira, com artificiosos e bons debuxos de lassaria da mesma madeira, e tem seu coro com tribuna de órgãos, a qual eregio dom Pedro de Castro, abade que foi desta igreja de Mouços, sucessor do dito Fernão de Brito, a qual edificou, pellos annos de 1530, e há tradição que a edificara afim de nella deixar huma collegiada perpetua, porem nam consta que a instituisse”.

⁴ SOUSA, Fernando de, e GONÇALVES, Silva, 2001 – *Vila Real no século XVIII*. “Estudos Transmontanos e Durienses, Vila Real, Arquivo Distrital de Vila Real, p. 21-25.

⁵ BARROS, João de, 1548 (ed. 19) – *Suma de Geografia da Comarca dentre Douro e Minho e tras-os-montes*, Porto, BMP, pp. 115-116: “A outra Legoa [de Vila Real] está hua nobre Ermida de Nossa Senhora a que chamão Guadalupe, que he casa formosa e deuota, onde concorre muita gente à Romaria. Eu conheci hua molher que se chamaua a Manoa de Matheus, a qual me afirmarão que fora accusada de hu delicto uergonhoso e feio, e foi iulgada na Relação que morresse na forca, e a forca então estaua em Villa Real, em hu alto, onde ora está S. Sebastião, donde se uê esta ermida de Nossa Snra. A pobre mulher, quando chegou ao pé da forca, se encomendou muito deuotamente à Virgem gloriosa, rogando-lhe que se lembrasse della, leuando todauia as contas nas maons, que hião atadas com o barão, como se costuma. Os Menistros da iustiça a poserão na forca e a deixarão por morta e se forão, e isto era pela manhã e hauia de ser tirada da forca à tarde, porque assi o dizia a sentença, e quando forão acharão a na forca uiua, dizendo que Nossa Snra sahira daquella Hermida e a tiuera no ar, que a não deixou morrer. O iuiz a tornou à Cadeia e escreveu o caso a ElRey, e por seu mando foi trazida a Lisboa, e tornarão a uer o processo, e foi degradada para sempre para a Ilha de S. Thomé, que então era áspero degredo. Afirmarão-me que o Nauio nunca quizera com ella fazer uiagem e que não podia sahir da barra. Como quer que fosse, ella foi de todo perdoada e naquella Ermida e em Matheus e ui athe que faleceo hauerà XX annos. Mas o caso, quando aconteceu, era eu muito pequeno e não o acordo, saluo que he mui notório àquella terra, onde se acharão os autos (...)”.

⁶ Arquivo Distrital de Vila Real: ADVR/COM-SCMVR/Lv 262.

⁷ Arquivo Distrital de Braga: Registo Geral, Livro 332/Livro de Confirmações de D. Diogo de Sousa, fol. 9.

acontecido durante a sua infância, tendo João de Barros conhecido a beneficiária, *Manoia de Matheus*. Este autor, sempre tão económico e sintético nos seus comentários, consagra, aliás, considerável espaço a esta narrativa e a comentários sobre ela – até do ponto de vista jurídico. João de Barros escreveu a sua *Geografia* cerca de 1548, e diz-nos que a *Manoia de Matheus* teria morrido cerca de vinte anos antes, ou seja, cerca de 1528. O milagre teria ocorrido, portanto, antes de 1528 e aí havia já uma Ermida da mesma invocação. Terá este milagre desencadeado uma maior afluência de romeiros e, consequentemente, este projecto de renovação da igreja de Nossa Senhora de Guadalupe? Por outro lado, como o brasão de armas esculpido no exterior da parede fundeira da capela-mor ocorre também na pintura do altar-mor numa campanha de pintura mural data-da de 1529, podemos supor que este projecto de renovação arquitectónico se fez acompanhar por um programa de pintura mural da iniciativa do mesmo encomendador.

Luiz de Mello Vaz de São Payo estudou a pedra de armas esculpida e colocada no exterior da parede fundeira da capela-mor, identificando esse brasão como sendo o de D. Pedro de Castro⁸.

De qualquer forma, a responsabilidade pelo serviço religioso nesta igreja cabia ao abade de S. Salvador de Mouços que era, desde 1505, como vimos, D. Pedro de Castro que, aliás, assumirá esta responsabilidade durante várias décadas. É, portanto, muito provável que tivesse cabido a D. Pedro a iniciativa destas obras, tal como as *Memórias de Vila Real* recordavam mais de dois séculos depois da sua realização.

A pintura mural que se conserva nesta igreja encontra-se na capela-mor. Preserva-se boa parte do programa de pintura da sua parede fundeira, assim como a pintura do frontal do altar-mor e até dos próprios degraus que a ele conduzem. Estas pinturas foram objecto de restauro, em 1996, pela *Mural da História*, sob a orientação de Joaquim Inácio Caetano, durante uma intervenção de conservação e restauro do edifício da responsabilidade da Direcção Regional dos Edifícios e Monumentos do Norte, instituição à qual devemos, aliás, vários importantes restauros de pintura mural no Norte⁹. Joaquim Inácio Caetano é o autor, de resto, de uma das mais interessantes e refrescantes análises da pintura mural no Norte, nos séculos XV e XVI¹⁰.

⁸ SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, 1999 – *A Família de D. Pedro de Castro Protonotário Apostólico e Abade de Mouços*. “Estudos Transmontanos e Durienses”, Vila Real, ADVR – Arquivo Distrital de Vila Real, nº 8, p. 31-66.

⁹ Alguns exemplos, desde 1996: *Nossa Senhora de Guadalupe*/Ponte/Mouços/Vila Real, *Vilarinho do Agrochão*/Macedo de Cavaleiros/Bragança, *S. Tomé de Abambres*/Mirandela/Bragança, *Sta Leocádia de Montenegro*/Chaves/Vila Real, *S. Pedro de Rubiães*/Paredes do Coura/Viana do Castelo, *S. Pedro de Varais/Vile/Viana do Castelo*, *Santiago de Folhadela*/Vila Real, *Santiago de Adeganha*/Torre de Moncorvo/Bragança.

¹⁰ CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Aparição.

Na parede fundeira da capela-mor conserva-se um rodapé de cubos perspectivados, encimado por moldura de padrão geométrico ao gosto do gótico final/*manuelino* e barras de cores lisas. O registo superior tem organização evocativa de estrutura retabular, com colunas que delimitam e separam os *painéis* laterais de grotescos do *painel* central. Conserva-se boa parte deste registo alto, quer das composições de grotescos, quer do *painel* central.

O tema desenvolvido neste *painel* central é a *Árvore de Jessé*, a genealogia de Cristo, figurando-se no seu topo a Virgem com o Menino.

A genealogia de Cristo é tratada nos Evangelhos de Mateus (1, 1-17) e Lucas (3, 23-38) que, no entanto não se lhe referem de modo absolutamente coincidente. Na realidade a *Árvore de Jessé* é a genealogia de “*José, o esposo de Maria, da qual nasceu Jesus, chamado Cristo*”¹¹. Em Nossa Senhora de Guadalupe, seguiu-se a versão de Mateus, como, aliás, sempre aconteceu nas representações artísticas deste tema. Nesta igreja estão representados os antecessores de Cristo do segundo grupo de gerações, desde David até à deportação para a Babilónia¹². Destes são claramente identificáveis as figurações e legendas relativas a Salomão (*SALOMa(...)*), Roboão (*roboao*), Josafat (*iOSAPHAT*), Asa (*ASA*), Jorão (*IOrAM*), Ozias (*OzIAS*), Joatão (*IO(...)AM*), Ezequias (*ezechjas*) e Manassés (*manasses*), embora existam outras figurações danificadas ou cujos *letreiros* não são legíveis.

Em Nossa Senhora de Guadalupe, como em toda a cristandade até esta época, esta representação culmina com a figuração de Nossa Senhora com o Menino. Segundo Louis Réau¹³, esta interpretação corresponderia à interpretação medieval dos textos genealógicos de Mateus e Lucas em conjunção com a da profecia de Isaías (2: 1-3): “Brotará um ramo do tronco de Isaías e uma flor nascerá das suas raízes (*Egredietur virga de radice Jesse et flos de radice ejus ascendet*); ter-se-ia, então, jogado com a aliteração *virga* e *virgo*, vara e virgem, identificando-se o ramo que sai da raiz de Jessé com Maria e a flor com Jesus. No século XVI todas as Árvores de Jessé são apresentadas como genealogias da Virgem, estando esta exaltação da Virgem estreitamente ligada à doutrina da Imaculada Conceção e tornando-se, até, as *Árvores de Jessé* como um dos símbolos preferidos da Imaculada Conceção, o que explica a crescente popularidade deste tema até às vésperas da Reforma. Sendo esta igreja da invocação de Nossa Senhora, este tema, escolhido como motivo central e dominante para a parede fundeira da capela-mor, era, portanto, muitíssimo adequado¹⁴.

Em Nossa Senhora de Guadalupe a *Árvore de Jessé* é representada como se

¹¹ Mateus (1: 16).

¹² Mateus (1: 6-12): “*David gerou Salomão daquela que foi de Urias. Salomão gerou Roboão, Roboão gerou Abias, Abias gerou Asa, Asa gerou Josafat, Josafat gerou Jorão, Jorão gerou Ozias, Ozias gerou Joatão, Joatão gerou Acáz, Acáz gerou Ezequias, Ezequias gerou Manassés, Manassés gerou Amon, Amon gerou Josias, Josias gerou Joaquim, Joaquim gerou Jeconias e seus irmãos, na época da deportação para Babilónia*”.

¹³ RÉAU, Louis, 2000 – *Iconografía del arte cristiano – Iconografía de la Biblia – Nuevo Testamento*, Barcelona, Ediciones del Serbal, Tomo 1/vol. 2, pp. 136.

¹⁴ RÉAU, Louis 2000: 141.

se tratasse de uma roseira. Nem sempre foi esta a solução adoptada: às vezes, evocava-se a videira e, mais frequentemente, as árvores de fruto¹⁵. Sabemos ainda o quanto a comparação de Nossa Senhora com uma rosa foi difundida com a *Litania da Virgem*¹⁶. No entanto, é possível que as gravuras de ilustração do *Liber Chronicarum*, geralmente conhecido por *Crónica de Nuremberga*¹⁷, possam ter influenciado esta representação de Nossa Senhora de Guadalupe. Esta obra é, aliás, profusamente ilustrada por genealogias – e também pela de Cristo – repartidas pelas várias páginas em que no corpo do texto se lhes vai fazendo referência. Parece-me possível que estas gravuras tenham influenciado esta pintura na igreja de Nossa Senhora de Guadalupe na figuração da *Árvore de Jessé* como se fora uma roseira, com os meios corpos dos antecedentes de Jesus irrompendo de corolas de rosas. Também o tratamento das cabeças e, mais particularmente, de vários pormenores de vestuário poderá ter sido influenciado pelas gravuras da *Crónica de Nuremberga*. Não se trata, no entanto, de uma transposição literal das gravuras do *Liber Chronicarum*¹⁸ mas as semelhanças que aponte parecem indicar que a sua observação poderia ter influenciado esta representação em Nossa Senhora de Guadalupe.

Toda esta figuração da *Árvore de Jessé* tem por pano de fundo uma pintura de padrão imitando um brocado, recurso também usado nas pinturas da *nave de Vila Marim II*. Há, aliás, como Joaquim Inácio Caetano notou¹⁹, outras

¹⁵ RÉAU, Louis, 2000: 140.

¹⁶ *Litaniae Lauretanae B. M. Virginis*: “(...) Rosa mystica (...)”.

Um caso de belíssima ilustração da *Litania da Virgem* é, por exemplo, a pintura 1072 (*Virgem com o Menino, Santa Ana, S. Joaquim e uma Doadora*) do Museu Nacional de Arte Antiga.

¹⁷ Cf., por exemplo, AZEVEDO, Narciso de, 1988 (2ª ed.) – *Indicação Sumária dos Incunábulos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, BPMP, Porto, p. 48. Existem nesta biblioteca dois exemplares deste *Liber Chronicarum* de Hartmann Schedel, impressos em Nuremberga em 1493 na oficina de Antonius Koberger (Inc. nº 205 e Inc. nº 206). As imagens publicadas neste artigo referem-se ao Inc. nº 205 desta biblioteca, exemplar que possui nota manuscrita muito posterior que indica que pertenceu à livreria de Santa Cruz de Coimbra. Agradeço à Dra Maria Adelaide Meireles e à D. Isabel Proença da Secção de Reservados desta biblioteca o apoio que têm dado às pesquisas que aí tenho conduzido.

¹⁸ Nem sempre a influência da circulação de gravuras resultava na sua transposição literal para a pintura. No entanto, nas pinturas murais na capela-mor de S. Salvador de Bravães ligadas ao grande arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, foi literalmente transposta uma gravura de Dürer e usadas duas outras. Cf. BESSA, Paula, 2003 – *Pintura Mural em S. Salvador de Bravães*, “Revista da Faculdade de Letras - Departamento de Ciências do Património”, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, I Série, vol. 2, p. 773-775.

Sobre este assunto vejam-se, por exemplo, Batoré, Manuel, 2001 – *Gravuras de Incunábulos em Pintura Portuguesa da 1ª metade do século XVI* in “Uma Vida em História. Estudos em Homenagem a António Borges Coelho”, Lisboa, Centro de História e Ed. Caminho, p. 287-314 e SERRÃO, Vítor, 1994 – *Fontes Iconográficas da Pintura do Ciclo Manuelino* in “Actas do Colóquio A Arte na Península Ibérica no Tempo do Tratado de Tordesilhas”, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses e Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, p. 433-447.

¹⁹ CAETANO, Joaquim Inácio, 2001 – *O Marão e as Oficinas de Pintura Mural nos Séculos XV e XVI*, Lisboa, Aparição, p. 36, 37, 43 e 44.

Veja-se também BESSA, Paula, 2003 – *Pintura Mural em Santa Marinha de Vila Marim*, S. Mar-

semelhanças entre estas pinturas (tratamento de rostos, por exemplo), assim como semelhanças com as pinturas da capela funerária anexa à igreja de S. Dinis de Vila Real (capela de S. Brás). Joaquim Inácio Caetano descobriu ainda que uma moldura de padrão geométrico usada na *nave de Vila Marim II* foi reutilizada em Nossa Senhora de Guadalupe, tendo sido aberto nesse *stencil* mais um detalhe, pelo que as pinturas desta última igreja (1529) deverão ser mais tardias do que as da *nave de Vila Marim II*. Penso, também, que há grande semelhança entre as colunas que separam os *painéis* em Nossa Senhora de Guadalupe e as pintadas na capela funerária de S. Brás, apresentando os fustes de ambas decorações com flores entre ramagens cruzadas.

Nos painéis de grotescos²⁰ que ladeiam a representação da *Árvore de Jessé*, aparecem vários elementos intrigantes. Na realidade, a que se pretendeu aludir com a representação inserida nos painéis de grotescos, de ambos os lados da *Árvore de Jessé*, de dois escudetes em *grisaille* com o monograma AM coroados? Por outro lado, o que quer dizer a legenda AM.DRA colocada sob os grotescos com o letreiro com a indicação da data (1529)? Poderá o monograma AM, nesta igreja sob a invocação de Nossa Senhora, corresponder a *Ave Maria*?²¹ Quererá a legenda AM. DRA aludir a *Ave Maria. Dómina Regína Angélorum*? Por outro lado, uma vez que a apresentação do abade de S. Salvador de Mouços cabia aos marqueses de Vila Real, poder-se-ia pensar se não se trataria de monogramas dos marqueses, o que não se verifica uma vez que, nesta época, não podem aludir nem a D. Pedro nem a D. Miguel de Meneses.

O frontal do altar-mor recebeu também pintura nesta mesma campanha decorativa. Desta pintura resta uma moldura de padrão geométrico e de gosto goticizante que corre junto ao pavimento e parte de uma decoração de grotescos que insere brasão rodeado por coroa de louros. A pedra de armas que aparece no exterior da parede fundeira da capela-mor foi estudada, como já referi, por Luiz Mello Vaz de São Payo que identificou esse brasão como sendo o de D. Pedro de Castro. Assim sendo, este mesmo brasão pintado no altar-mor será o deste reitor de S. Salvador de Mouços.

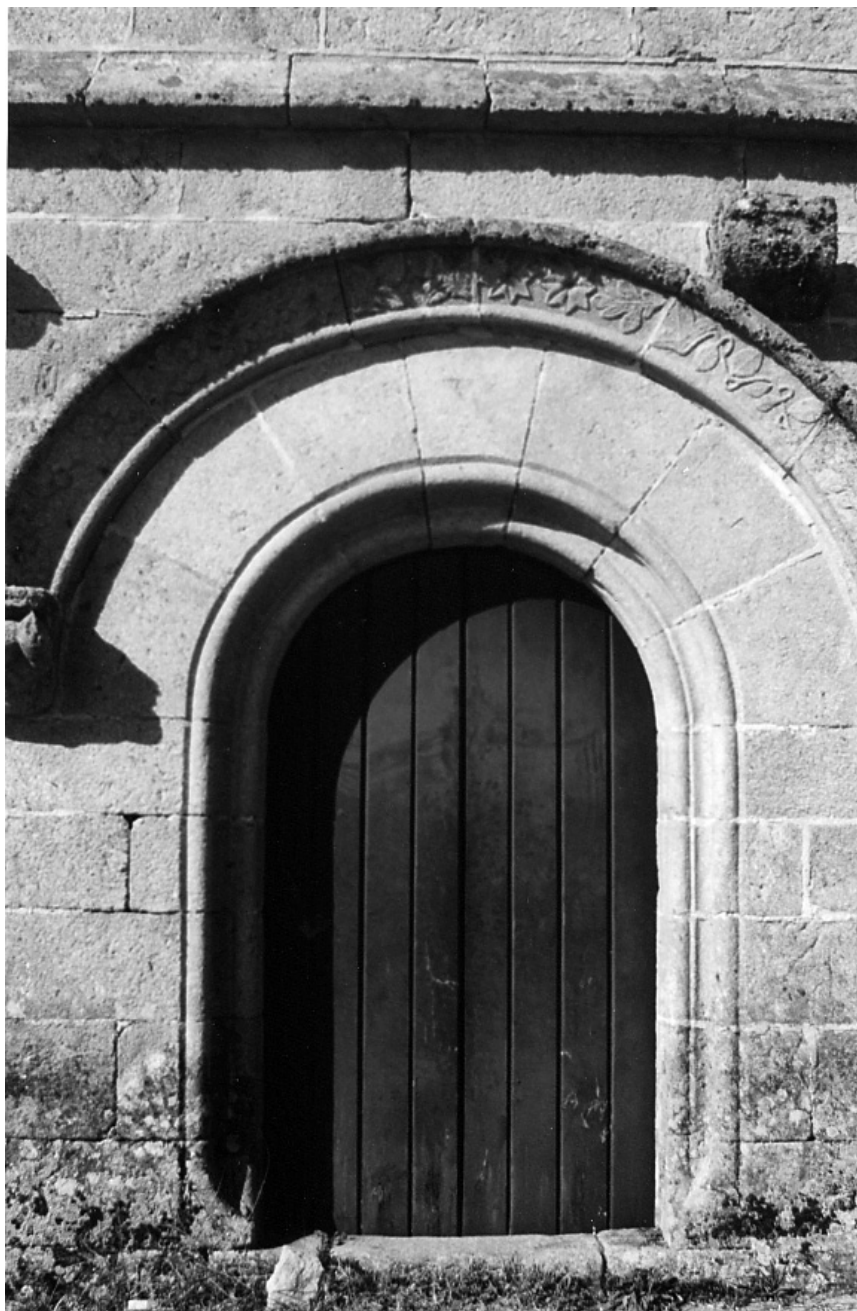
tinho de Penacova, Capela Funerária Anexa à Igreja de S. Dinis de Vila Real e Santa Maria de Pombeiro e as Encomendas do Abade de Pombeiro D. António de Melo. "Cadernos do Noroeste – Série História 3", nº 20 (1-2), Braga, Instituto de Ciências Sociais, p.67-95.

²⁰ A propósito da introdução dos grotescos em Portugal, veja-se AFONSO, Luís, 1999 – *Ornamento e Ideologia. Análise da Introdução do Grotresco na Pintura Mural Quinhentista* in "Ordens Militares: Guerra, Religião, Poder e Cultura – Actas do III Encontro sobre Ordens Militares", Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, vol. 2, p. 305-340.

²¹ Esta hipótese de interpretação foi-me sugerida pela Prof. Doutora Lúcia Cardoso Rosas (FLUP) e também pelo Dr. Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça, cuja opinião e conselho tenho frequentemente procurado em matérias de genealogia e de heráldica.



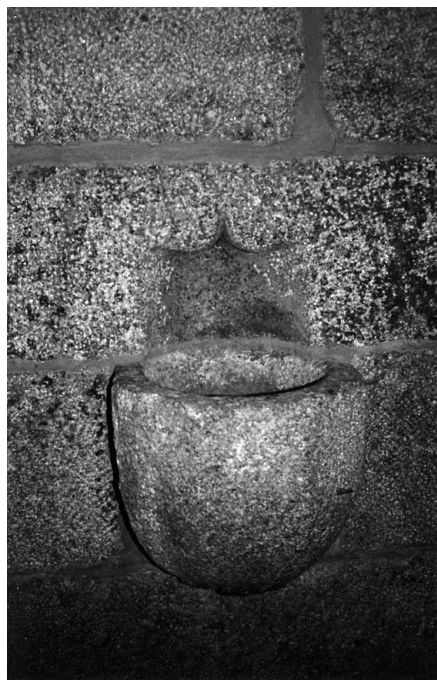
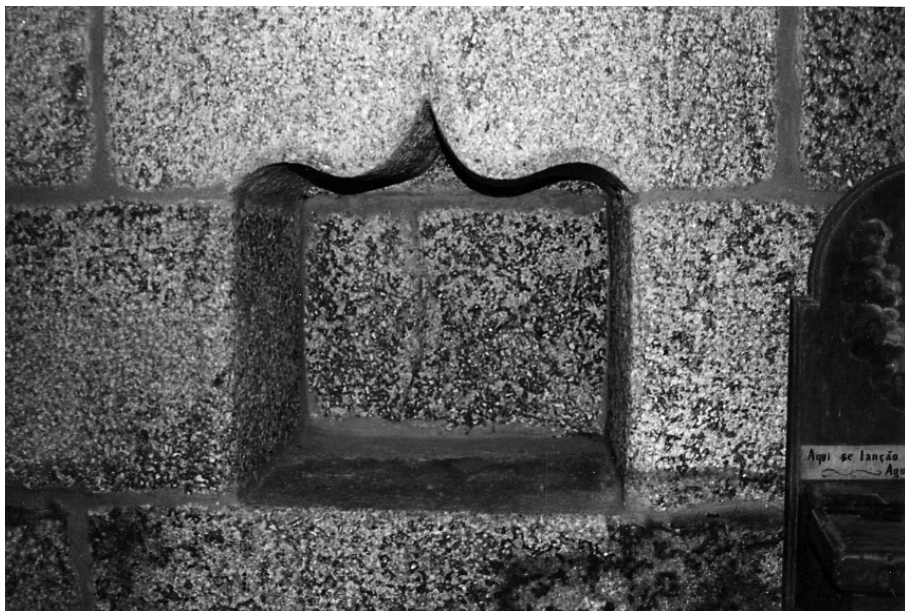
Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Fachada Principal



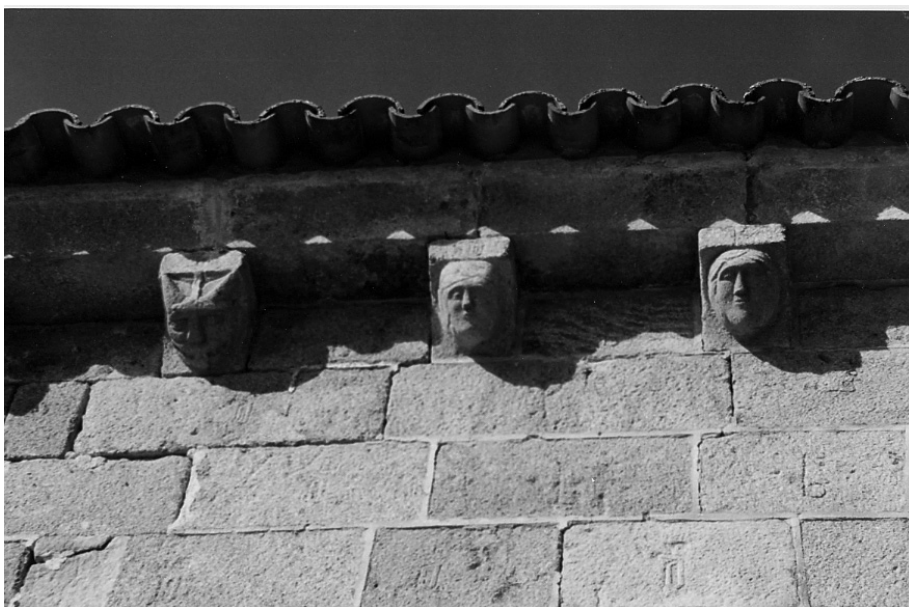
Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Portal Sul



Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Fresta da Nave



Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Nichos no interior da nave



Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Cachorros da nave



Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Siglas da Nave



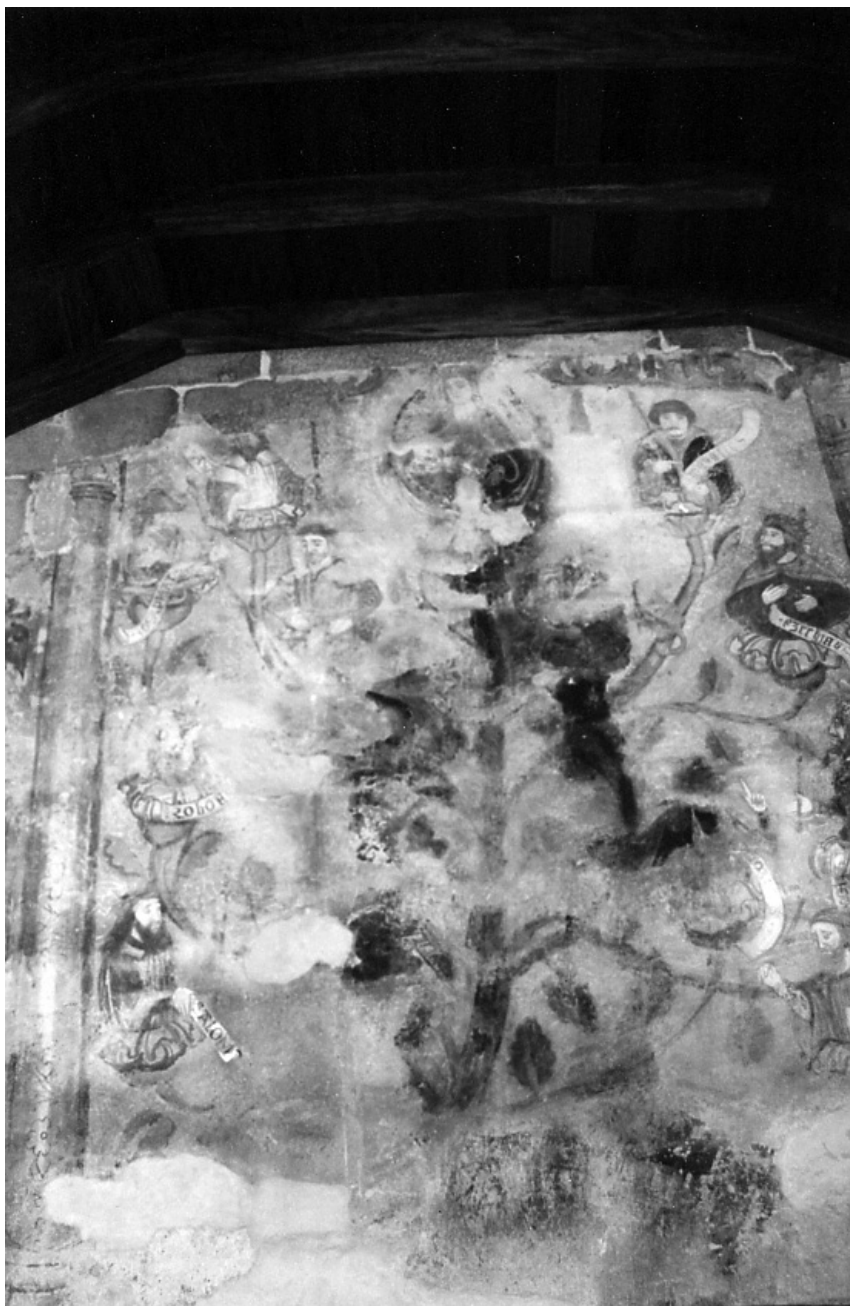
Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Cachorros da capela-mor, do lado Norte



Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Pedra de armas colocada na parede fundeira da capela-mor



Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Pintura mural na capela-mor



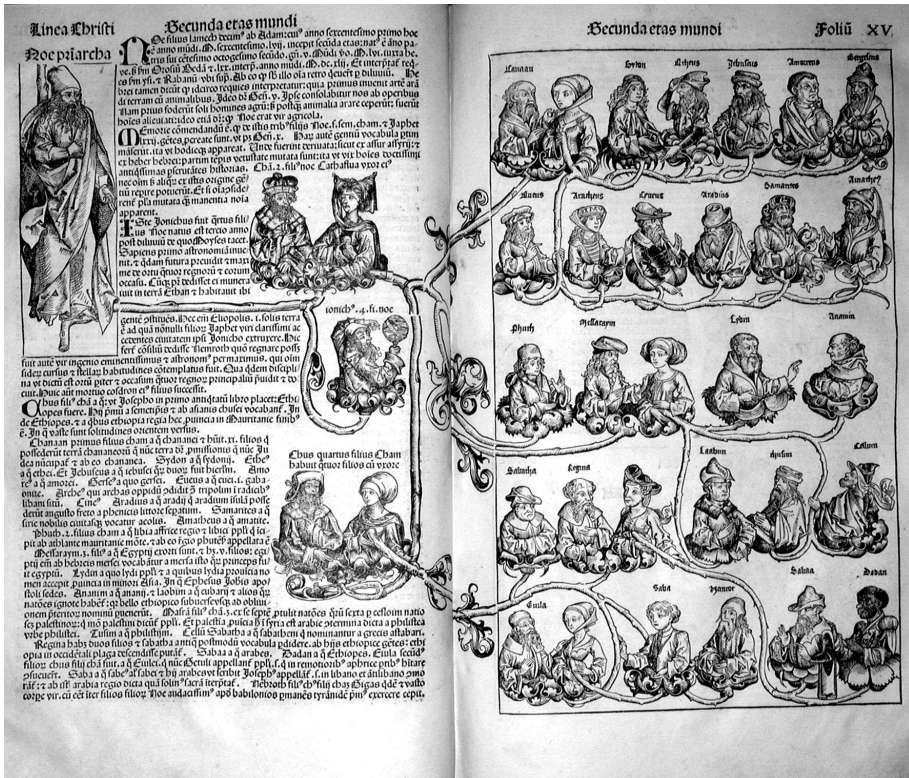
Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Árvore de Jessé



Igreja N^a Sra. de Guadalupe - Escudete com monograma



Igreja Nª Sra. de Guadalupe - Grotescos com indicação da data "1529"



"Liber Chronicarum", fols. XIV vº - XV, Inc. 205, B.P.M.P.



“Liber Chronicarum”,
fol. XLIX, Inc. 205,
B.P.M.P.



“Liber Chronicarum”, Inc. 205, B.P.M.P.



“Liber Chronicarum”, fol. LII, Inc. 205, B.P.M.P.



“Liber Chronicarum”, fol. LV, Inc. 205, B.P.M.P.